



A formação do conceito de paisagem a partir da psicologia histórico-cultural na construção didática da atividade sobre o Rio Alcântara - SG-RJ

Formation of landscape concept from the historical- cultural psychology didactic construction activity over the river Alcântara - SG – RJ.

Daiana Freitas Nascimento¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
daianafreitasnascimento@hotmail.com

Ana Claudia Ramos Sacramento²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
anaclaudia.sacramento@htomail.com

RESUMO: Este artigo objetiva compreender como o conceito de paisagem sendo um dos conceitos elementares da ciência geográfica, pode ser utilizado em sala de aula com o intuito de fomentar a produção do conhecimento geográfico a partir de uma construção de atividade didática sobre o Rio Alcântara-SG-RJ para uma turma do 6º ano de uma escola privada no município de São Gonçalo-RJ. Para tanto, a partir da discussão da Psicologia Histórico-Cultural pensar como se constrói a formação e o entendimento dos conceitos na mente dos estudantes. Como metodologia buscou-se trabalhar com a pesquisa qualitativa por entender que essa forma de fazer pesquisa vai de encontro com os questionamentos e análises realizadas nessa produção. Trazendo a paisagem local e conhecida pelos alunos para nortear o trabalho em sala de aula, acredita-se que os conteúdos podem ser tornar mais dinâmicos, fugindo do velho engessamento que parece ser predominante na condução dos conteúdos geográficos.

Palavras-chaves: Paisagem. Formação de Conceito. Ensino de Geografia. Rio Alcântara.

ABSTRACT: This article aims to understand how the concept of landscape being one of the basic concepts of geographical science, can be used in the classroom in order to promote the production of geographical knowledge gives from a didactic activity building on the Alcântara Rio SG- RJ for a class of 6th grade at a private school in São Gonçalo-RJ. Therefore, from the discussion of Historical- Cultural Psychology how to build training and understanding of the concepts in the minds of students. The methodology we sought to work with qualitative research to understand that this way of doing research meets with questions and analysis performed in this production. Bringing the local landscape and known by students to guide the work in the

¹ Licenciada em Geografia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Este artigo derivou do trabalho de conclusão de curso desta acadêmica sob orientação da Profa. Dra. Ana Claudia Ramos Sacramento.

² Doutora em Geografia. Professora do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP).

classroom, it is believed that the content can be made more dynamic, running away from the old rigidities which seems to be prevalent in the conduct of geographic content.

Key-words: Landscape. Formation of concept. Geography Teaching. River Alcântara.

INTRODUÇÃO

A Geografia é um ramo da ciência cujos desdobramentos se fazem presentes, tanto no campo acadêmico quanto no escolar. Nesses ambientes, de formas distintas, almeja-se alcançar uma compreensão maior acerca do espaço onde acontecem os movimentos de nossas vidas. Desse modo, dando ênfase à Geografia escolar, podemos elencar diferentes contribuições dessa ciência para a vida dos nossos discentes. Dentro da sala de aula, essa disciplina pode ser vista como um aporte, que se conduzido da maneira correta, pode permitir aos alunos a construção de um olhar mais apurado e crítico acerca dos lugares onde estão inseridos.

Na geografia escolar, compreende-se que o conceito de paisagem - dentre outros, como: espaço, território, região e lugar - pode ser utilizado, em sala de aula, como eixo estruturante na abordagem de inúmeros conteúdos trabalhados por essa disciplina. Assim, os conceitos presentes no arcabouço teórico da geografia, podem ser vistos como possibilidades epistemológicas que essa ciência nos oferece com a finalidade de arquitetar a construção do saber.

Ao selecionar o conceito de paisagem nesse processo, pretende-se que os estudantes compreendam, de fato, as espacialidades dos lugares onde vivem, uma vez que, como salienta Callai (2013), a paisagem pode ser considerada o retrato do espaço num determinado momento. Ela seria, então, o resultado de todos os processos naturais, como também, de processos humanos “com o patrimônio construído, que os povos herdaram, e modificam, como território de atuação no seu viver cotidiano”. A paisagem pode ser vista, assim, como o domínio do visível, logo, pode nos revelar as ações praticadas, tanto pelos homens quanto pela natureza, numa determinada parcela do espaço. A autora afirma ainda, que a paisagem seria o pano de fundo onde ocorrem os movimentos das nossas vidas, e por isso, desperta nas pessoas o interesse pela sua interpretação, o que nem sempre é um ato fácil, uma vez que as paisagens estão sempre passando por transformações, às vezes de modo mais acelerado, outras vezes lentamente.

Desta maneira, objetivo deste texto é compreender como o processo de construção do conhecimento geográfico pode ser realizado em sala de aula por meio do conceito de paisagem, a partir da concepção histórico-cultural na atividade didática sobre o Rio Alcântara-SG-RJ.

No primeiro momento, será discutido a importância de pensar os conceitos geográficos para o ensino de geografia nas leituras de Cavalcanti (2010) e Castellar (2011, 2013), da psicologia histórico-cultural na construção dos conceitos geográficos a partir das discussões breve de Vigostki, a partir de Cavalcanti (2013), Couto (2011) e Prestes (2013); a questão do conceito de paisagem a partir da perspectiva materialista histórico por Callai (2013), Santos (2012,2014) e a atividade didática sobre o Rio Alcântara-SG-RJ a partir das representações dos estudantes.

1. A IMPORTÂNCIA DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS PARA ENSINAR GEOGRAFIA.

É fácil observar que os alunos, seja por meio de diferentes fontes de informações, como os jornais e, principalmente a internet, possuem nos dias atuais contato direto com diversos assuntos, porém a informação por si só não é sinônimo de conhecimento, o que acaba explicando o porquê das pessoas ficarem aprisionadas a um entendimento superficial sobre problemáticas importantes que interferem diretamente em suas vidas.

Aqui vale o emprego da máxima: não basta ver é preciso enxergar. Essa expressão é muito utilizada por geógrafos e/ou professores de geografia, é expressa muito bem, o papel que os professores precisam e devem desempenhar em sala de aula: o despertar nos estudantes de uma consciência mais crítica, menos enraizada na superficialidade do conhecimento. Conhecimento esse, que embora, na maioria das vezes, seja gerado a partir do senso comum, não devia ser visto pelos docentes, como um conhecimento menor ou totalmente equivocado. Cabe a este a mobilização de esforços, a fim de que haja a superação desse conhecimento inicial e sua, posterior transformação, em um saber que possibilite ao aluno uma atuação mais ativa e reivindicadora de seus direitos perante a sociedade e os governantes.

Diante de todas essas proposições, acaba-se ratificando o quão importante é pensar a construção do conhecimento geográfico, por intermédio dos conceitos presentes no corpo

teórico da Geografia. Segundo Cavalcanti (2010), a meta de formação dos conceitos geográficos tem sido delineada desde a década de 1980. É somente, a partir desse momento, que se percebe mais claramente, que ensinar geografia não é simplesmente o ato de transmitir aos alunos um conjunto de conteúdos, os quais muitas das vezes, não possuem articulação alguma com a vida desses estudantes.

Definir o que é um conceito, nem sempre é uma tarefa simples, embora de uma forma generalizada, possa ser entendido como uma ideia que se tem acerca de um objeto ou fenômeno. Conforme argumenta Castellar (2011), os alunos estão sempre diante de vários conceitos que passam constantemente por um processo de elaboração e reelaboração, visto que os mesmos são provenientes de inúmeros referenciais culturais e históricos - (vide o conceito de paisagem estudado nesse excerto) - além do mais, podem ser pontuais ou fragmentados. Logo, a organização e a compreensão desses conceitos na mente das crianças, com idade entre 11 e 12 anos, por exemplo, não é tão simples assim. Lembrando que nessa faixa etária, os alunos já começam a ser apresentados a inúmeros conceitos geográficos, os quais deveriam ser eixos norteadores de importantes conteúdos da Geografia.

Por isso, em relação aos conceitos, é necessário deixar claro que é bastante importante os alunos possuírem o entendimento correto acerca dos significados das palavras, pois ao atribuir a um conceito uma definição diferente daquela proposta, isso poderá acarretar na compreensão incorreta sobre todo o conteúdo, prejudicando assim, o processo de aprendizagem.

A compreensão de uma palavra ou termo requer vários significados que podem ser factuais ou epistemológicos, mostrando que, a partir de um conceito, pode-se obter o outro ou analisar a sua relação com o outro conceito. Nesse esquema, o mundo empírico, o vivido pelo aluno e a ação docente por meio de problematização, pesquisa, aulas expositivas, trabalhos de campo etc. contribuem para que o aluno consiga estruturar e construir conceitos científicos no campo do mundo teórico. (CASTELLAR, 2011, p.6).

Em vista disso, o termo: pensamento conceitual acaba trazendo consigo uma grande carga de significado “ao sugerir” aos professores, que os conceitos não podem ser simplesmente transmitidos aos estudantes, a fim de que sejam memorizados por eles posteriormente. Todavia, é papel dos docentes auxiliar seus estudantes no processo de construção, elaboração e reelaboração de diferentes conceitos geográficos, pois, somente desse jeito, é possível que haja, de fato, uma aprendizagem significativa pelos alunos.

Castellar (2013), ao discutir a respeito de uma rede conceitual, enfatiza a importância da construção do conhecimento por meio da articulação entre vários conceitos, ou seja, para que o conceito seja compreendido pelo aluno não basta apenas explicá-lo, por si mesmo, mas sim, buscar seu real entendimento por meio do conhecimento que outros conceitos abarcam. Dessa forma, essa rede de conceitos servirá como um meio para se explicar o conceito chave em questão.

Além de uma rede de conceitos que serve como um suporte no processo de compreensão do conceito-chave em questão pode-se elencar como um meio a mais para facilitar esse processo, a criação de propostas didáticas que tenham como meta a transformação de um conhecimento fechado e estático, por um saber dinâmico que converse com as experiências de vida cotidianas dos discentes. Dentro desse processo, os conceitos também não serão mais vistos como um saber fechado e acabado em si mesmo, visto que a sua construção não será de exclusividade das escolas. Todavia, o processo de construção conceitual poderá ser feito a partir da vivência dos alunos, das interpretações que os mesmos têm acerca do mundo, como também, das representações sociais que possuem sobre aspectos cotidianos.

Ao se apropriar de um conceito, o aluno precisa dar-lhe significado, inserir a nova informação para alterar esquemas, criando uma estrutura de pensamento, que pode ser simples, por exemplo, relacionando com os fenômenos estudados com o do cotidiano, e com isso, estimulando mudanças conceituais. (CASTELLAR, 2013, p.194).

Desse modo, ensinar geografia acaba ganhando uma nova conotação, à medida que, se compreende que os temas e conteúdos trabalhados por essa disciplina não terão um princípio e fim por eles mesmos, mas sim serão mediadores no processo de construção de um modo de pensar geograficamente/espacialmente o mundo, e para que isso seja alcançado, é necessário que se desenvolva ao longo dos anos do ensino fundamental, de fato, um pensamento conceitual pelos alunos.

Diante de todas essas proposições, é necessário esclarecer antes de qualquer outra coisa, o que se entende por conceito e, por conseguinte, traçar um caminho metodológico que auxilie os alunos no processo de formação e compreensão dos conceitos elementares da ciência geográfica. Mais precisamente, a formação de um pensamento conceitual, como mencionado acima, que encaminhe os alunos à produção do conhecimento geográfico.

É oportuno destacar que o uso dos conceitos geográficos em sala de aula, na maioria das vezes, acaba ficando em segundo plano, corroborando em situações de aprendizagem quase sempre fragmentadas e desconexas da vida prática dos alunos. Em inúmeras situações, esses conceitos são apenas decorados e memorizados pelos discentes, ou seja, não são questionados nem tencionados paralelamente à discussão dos conteúdos. O que acaba ocorrendo, como dito anteriormente, é apenas uma “decoreba” do conceito, sem que o verdadeiro conhecimento que cada um engloba seja efetivamente aproveitado. Assim, é essencial que haja a construção de um processo de aprendizagem que leve em consideração a efetiva importância do uso dos conceitos geográficos na abordagem dos conteúdos dessa disciplina.

2. PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA A FORMAÇÃO DOS CONCEITOS.

Com a necessidade de analisar como a formação e o entendimento dos conceitos se constrói no desenvolvimento intelectual dos alunos foi utilizado como suporte teórico inicial a Psicologia Histórico Cultural da chamada Escola de Vigotski. Como se sabe, Vigotski foi um psicólogo russo que nasceu na cidade de Orsha, no ano de 1896. Nos trabalhos realizados pelo teórico, há uma atenção especial para o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Nos estudos de Vigotski, o pensamento é entendido como algo que é construído ao longo do tempo, e que acaba, assim, recebendo influência direta do ambiente, que como se pode observar, é histórico e, em essência, também é social.

Dessa maneira, os trabalhos realizados por esse estudioso tinham como objetivo a demonstração do caráter histórico e social da mente humana e da possibilidade de intervir em seu desenvolvimento. Em relação à formação de conceitos, Cavalcanti (2013, p.26) aponta que os “experimentos realizados por Vygotsky e por seus colaboradores revelam que a formação de conceitos é um processo criativo e se orienta para a resolução de problemas.”

Por intermédio dessa lógica, constata-se que a memorização e a associação por si só não contribuem para a formação e entendimentos dos conceitos pelos alunos. Os conceitos começam a se formar desde muito cedo na mente das crianças, contudo é somente a partir dos 11 e 12 anos que elas conseguem realizar abstrações, que não ficarão apenas aprisionadas aos significados que estão ligados as suas práticas imediatas. É fundamental ressaltar, que o

desenvolvimento dos conceitos pelas crianças não tem ligação apenas com a idade que possuem, uma vez que existe uma interligação, também, com o somatório das experiências que elas já conseguiram ter ao longo de suas vidas. Logo, entende-se que a construção dos conceitos tem origem no social, na incessante interação com outros indivíduos, como também, a partir das relações que as crianças constroem no ambiente em que vivem. Entretanto, Cavalcanti (2013) afirma que “se o meio ambiente não fornecer ao adolescente os desafios necessários para estimular seu intelecto, seu raciocínio poderá não alcançar o nível possível para sua faixa etária”.

No entendimento de Vygotsky (1989, p.46) apud Couto (2011, p.35) os conceitos podem ser vistos como “uma parte ativa do processo intelectual, constantemente a serviço da comunicação, do entendimento e da solução de problemas. Assim, por intermédio dessas concepções, se torna mais fácil assimilar que os conceitos dentro do processo de aprendizagem não devem anteceder aos conteúdos, mas sim, precisam ser formados e reelaborados pelos alunos num trabalho conjunto aos conteúdos que estão sendo abordados. Desse modo, os conceitos não serão vistos apenas como generalizações a ser memorizadas pelos discentes. Fato que, por tantas vezes, torna a aprendizagem totalmente inacabada e falha, com pouco ou nenhum significado para a vida dos nossos alunos.

Ainda Couto (2011, p.35) os estudos de Vigotski nos fornece pistas valiosas, no tocante à construção de conceitos pelas crianças. O autor alerta sobre a necessidade de haver uma problematização, tanto da prática quanto dos saberes espaciais dos nossos discentes, ou seja, é buscar por meio da realidade vivida pelos alunos questionamentos e indícios que contribuam para a produção do conhecimento geográfico em sala de aula. Outra proposição importante elencada pelo autor, seria a necessidade de “desenvolver o sistema hierárquico de inter-relações que caracterizam os conceitos científicos, processo no qual o conceito de espaço possa se converter [em outros conceitos, como o de paisagem] permitindo compreendê-los, incluindo os seus conteúdos reais e concretos”. (ib, idibem, 35). Percebe-se, portanto, uma necessidade de que haja uma construção e não simplesmente a assimilação vazia de conceitos pelas crianças.

Vigotski difere as três fases que fazem parte do processo de formação de conceitos pelas crianças. A primeira fase é definida como “conglomerado vago e sincrético de objetos isolados” Nesse estágio, os objetos são agrupados na mente da criança sob o significado de uma determinada palavra. Essa palavra embora reflita embora reflita eles objetivos com os

objetos nomeados acaba por designar também, ligações relacionadas às impressões particulares e subjetivas de cada indivíduo. Já a segunda etapa é denominada de “pensamento por complexos.” Nesse ponto, os objetos antes isolados na mente das crianças começam a passar por um processo de associação, devido às impressões subjetivas construídas pelas crianças, que são internalizadas ao longo do tempo no seu desenvolvimento intelectual, somado a todos esses fatores estão também às relações que, de fato, existem entre esses objetos. Na visão da autora Cavalcanti (2013, p.26), “um complexo é um agrupamento concreto de objetos e fenômenos unidos por ligações factuais.” Sendo essa fase de extrema importância na formação de conceitos, visto que é nela que se encontram os pseudoconceitos, que embora ainda não sejam o conceito, propriamente dito, acabam sendo elo importante para a formação do conceito. Já a terceira fase é chamada de formação de conceitos. De acordo com Vigotski para que haja a formação de conceitos e preciso: abstrair, isolar e examinar os elementos abstratos de forma separada da experiência concreta, por isso, a formação de conceitos é unir e separar: sintetizando para combinar a forma de análise.

Assim, no ponto de vista de Vigotski, o docente em sala de aula não devia simplesmente apresentar conceitos prontos para os alunos, a fim de que esses assimilem e, posteriormente, os memorizem, mas sim é papel do docente realizar a mediação em sala de aula, ou seja, oferecer instrumentos teóricos aos alunos com o intuito de que esses consigam formar um pensamento conceitual.

Ainda dentro da perspectiva da formação de conceitos, Vygotsky nos apresenta um fator muito importante, que também diz respeito a esse processo: a zona de desenvolvimento iminente como orientação didática. Essa zona é definida por ele como:

[...] a distância entre o nível do desenvolvimento atual da criança que é definido com a ajuda de questões que a criança consegue resolver sozinha, e o nível de desenvolvimento possível da criança, que é definido com a ajuda de problemas que a criança resolve sob a orientação dos adultos e em colaboração com companheiros mais inteligentes. (Vygotsky, 2004, p.379 apud PRESTES, 2013, p.299).

Desse modo, quando se realiza alguma tarefa junto com uma criança haverá uma possibilidade maior dessa criança ou adolescente conseguir realizar com êxito esse trabalho sem o auxílio de outra pessoa posteriormente. Na visão de Prestes (2013, p.299), todas as tarefas que as crianças fazem juntos com os adultos ou até mesmos com outras crianças estarão na iminência de fazerem de forma autônoma mais tarde. “A atividade colaborativa (com colegas ou outras pessoas) cria condições para essa possibilidade.”

3. O CONCEITO DE PAISAGEM NA PERSPECTIVA DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO.

O conceito de paisagem abarca múltiplas acepções, pois os indivíduos sejam eles: arquitetos, urbanistas, pintores, dentre outros, expressarão sua visão sobre a paisagem de uma forma diferenciada. Assim, cada sujeito busca na paisagem os aspectos que lhes despertam mais interesse, ou o que mais chamam suas atenções. Ela pode ser entendida, então, como um grande mosaico onde se sobrepõem relações, apresentando diversas formas, funções e estruturas. Muitos autores a enxergam como o retrato do espaço e até mesmo da sociedade numa determinada parcela de tempo. A paisagem nos revela os movimentos que ocorreram ou ainda se repetem num dado recorte espacial, uma vez que ela nunca é estática, entretanto mutável devido às ações que nela são projetadas sejam atuações, por parte dos homens ou por meio das forças da natureza.

Santos (2012, 2014), ao definir o conceito de paisagem, nos convida a compreendê-la não apenas por meio da nossa visão, como também, através dos nossos outros sentidos. A paisagem é percebida, assim, como algo que tem em si uma grande vivacidade. Sua contemplação não é feita simplesmente pelos nossos olhos, mas por todo o nosso corpo, na medida em que, se pode reconhecer uma paisagem pelos seus sons, odores, sejam esses agradáveis ou não. Todos esses aspectos acabam marcando uma determinada paisagem, servindo como um meio a mais para identificá-la, como também, para caracterizá-la. Em vista disso, o juízo de valor empregado nela está totalmente relacionado com essas percepções que cada indivíduo constrói sobre as paisagens que observam em seus percursos.

É necessário ratificar: a paisagem é dinâmica, uma vez que a mesma é produto das relações que são estabelecidas entre os homens, mas também, entre a natureza. As marcas que nela são grafadas são fruto dessas convivências, que podem ser harmônicas ou não, o que acaba expondo os tipos de usos feitos pelo homem no ambiente natural. A paisagem por intermédio de sua fisionomia pode nos revelar, também, as limitações que a natureza impôs a sobrevivência do homem e a adaptação do mesmo num determinado lugar. Denunciando, então, a história de um lugar, das pessoas, e das ações que as mesmas realizaram nesses espaços com o passar dos anos. Através desses processos, sejam, esses naturais ou sociais as

paisagens acabam sendo desenhadas e redesenhadas umas sobre as outras, uma vez que os movimentos que nela ocorreram no passado acabam repercutindo de diferentes maneiras no presente.

Callai (2013, p.38) afirma que a paisagem é a “herança o (resultado) de todos os processos naturais e de todos os processos humanos com o patrimônio construído, e que os povos herdaram, e modificam, como território de atuação no seu viver cotidiano. ” Compreende-se que a construção de um verdadeiro entendimento acerca desse conceito perpassa pela compreensão da dimensão histórica que permitiu sinalizar os processos naturais e as práticas sociais que contribuíram para construir e reconstruir as paisagens.

Na concepção de Santos (2014), o tempo ao transcorrer registra no espaço as ações dos homens e como tal, em uma análise geográfica, é fundamental considerar a dimensão do tempo. Desse modo, analisar a paisagem por meio de sua história nos permite, a todo instante, lembrar que ela está sim inserida numa dada organização espacial, e por isso passível de sofrer modificações a todo o momento.

Muitos autores consideram que existem dois tipos de paisagem: natural e artificial. Assim, a paisagem artificial pode ser entendida como aquela que o homem transformou a partir de diferentes ações, trabalhos e meios produtivos, utilizando-se de diferentes técnicas e instrumentos. Dentro desse contexto, percebe-se que outra forma de caracterizar a paisagem seria por meio da sua formação sociocultural. Segundo, Costa e Santos (2011, p.69) é importante compreender a paisagem não apenas como um aspecto visível, histórico, social e concreto, como também, enxergá-lo como um espaço dotado de conteúdo e de relações sociais em constantes movimentos. Assim, a cultura, o modo de vida das pessoas, os usos que cada um faz do espaço, grafando territórios, construindo e reconstruindo territorialidades podem ser considerados meios de análise da realidade, pois deixam seus registros desenhados em cada paisagem. Já a paisagem natural é vista como aquela que ainda não sofreu nenhuma alteração pelo homem, porém nos últimos anos as paisagens tidas como apenas naturais estão cada vez mais reduzidas, uma vez que as práticas humanas se fazem presentes até mesmo nos pontos mais longínquos e desconhecidos do globo terrestre.

Nos últimos anos, as diferentes atividades econômicas que surgiram no espaço foram responsáveis pelas significativas mudanças que ocorreram nas paisagens. Grandes empresários as modificam conforme suas necessidades e exigências de lucro. Pode-se articular a essas intenções econômicas as vontades políticas, as quais concorrem entre si ou até mesmo

aliadas para promoverem mudanças no espaço, o que acaba refletindo diretamente nas paisagens. É importante destacar que nem sempre transformação é sinônimo de algo bom ou de progresso para uma cidade, bairro e, por conseguinte, para a população. Diversas alterações, que ocorrem no espaço e que se traduzem nas paisagens podem ocorrer para atender um número reduzido de pessoas e acabar prejudicando um número muito maior de indivíduos. Como se sabe, na maioria das vezes, são colocados em primeiro lugar os interesses das grandes empresas e instituições financeiras, deixando esquecido e de lado os anseios da população.

A partir de Santos, outro aspecto importante acerca da paisagem merece atenção. Esse autor afirma que: “a paisagem tem, pois, um movimento que pode ser mais ou menos rápido”. As formas não nascem apenas das possibilidades técnicas de uma época, mas dependem também das condições econômicas, políticas, culturais etc.” (SANTOS, 2014, p.75). Em vista disso, as formas que uma paisagem possui acabam revelando o tipo de vida que os homens levam, como também, as atividades sociais e econômicas que nela ocorrem, auferindo a paisagem uma espécie de identidade ou marca.

Um bom exemplo disso é quando se busca caracterizar um bairro, como residencial ou industrial, observando qual tipo de atividade é ou não realizada nesse bairro. Nessa perspectiva, percebe-se que as mudanças que ocorrem nas paisagens não afetam somente as suas formas, como também, modificam suas estruturas e funções. Ao longo do dia, a paisagem pode se apresentar de diferentes maneiras devido aos diversos movimentos funcionais que nela ocorrem. “Ao passarmos numa grande avenida, de dia ou à noite, contemplamos paisagens diferentes graças ao seu movimento funcional. A rua, a praça, o logradouro funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano.” Santos (2014, p.75). As mudanças estruturais que ocorrem na paisagem têm ligação também com a mudança das formas. Um bom exemplo é a construção de grandes prédios no lugar onde havia prédios de menor porte.

Essas primeiras proposições acerca da paisagem permite inicialmente compreender as múltiplas facetas que essa categoria de análise possui. Somente a partir dessas primeiras observações, podemos começar a entender como o conceito de paisagem pode ser utilizado na sala de aula por meio de propostas pedagógicas que levem em consideração à atuação dos alunos e promovam, entre tantas outras coisas, a mobilização de um pensamento autônomo e crítico do aluno sobre importantes aspectos de sua realidade.

4. PENSAR O CONCEITO DE PAISAGEM NUMA CONCEPÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL A PARTIR DO RIO ALCÂNTARA- SÃO GONÇALO-RJ

4.1. A metodologia da pesquisa

Este trabalho começou a ser delineado a partir da escolha dos conteúdos geográficos, que iriam ser abordados por meio do conceito de paisagem. Assim, foram selecionados dois conteúdos que são estudados pelos alunos do sexto ano do ensino fundamental. O primeiro foi referente à hidrologia, mais precisamente, sobre a questão da poluição dos rios urbanos. O segundo conteúdo buscou trabalhar a questão do dinamismo da paisagem urbana.

Assim, outro passo dado foi a escolha do Colégio em que seria desenvolvida a parte prática dessa pesquisa. A escolha se deu, então, por um colégio particular, que fica localizado no bairro Alcântara, em São Gonçalo, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Embora privado, o colégio padece pelos mesmos males que afligem as nossas escolas públicas: salas lotadas e abafadas, alunos desmotivados, professores descontentes com as suas condições de trabalho, entre outros aspectos. Segundo dados da diretora, a escola tem cerca de 500 alunos somando os dois turnos (manhã e tarde).

Na sala do sexto ano onde foram realizadas as pesquisas, havia cerca de vinte e cinco alunos. Todos tinham entre 11 e 12 anos, ou seja, estão na idade série corretas. Havia apenas dois estudantes que tinham mais de 12 anos. Essa escola completa ainda nesse ano 27 anos de fundação.

Com essas primeiras informações, é importante salientar que atividade tinha como intenção não somente inserir o conceito de paisagem para trabalhar com os conteúdos já apresentados, como também, trazer a paisagem local, vivida pelos alunos mencionados para compô-las. Atividade teve como fundo teórico a concepção da psicologia histórico-cultural para a formação dos conceitos. Dentro desse processo foi proposto também debater importantes pontos do ensino atual de geografia, como também, analisar o conceito de paisagem por meio do materialismo histórico dialético, por entender que o aluno é um sujeito social e histórico e que precisa compreender de forma crítica os aspectos sociais, econômicos e políticos que interferem diretamente em suas vidas. Diante de todos esses objetivos apresentados se optou por trabalhar com a pesquisa qualitativa por entender que essa forma de

desenvolver a pesquisa iria ao encontro com os questionamentos e análises que se buscava realizar no trabalho monográfico.

4.2. Atividade desenvolvida: Os rios inscritos nas paisagens urbanas: o caso do Rio Alcântara- Bairro Alcântara- São Gonçalo-RJ

19

A primeira atividade desenvolvida consistia num questionário, no qual os estudantes pesquisados teriam que responder sobre importantes problemáticas relacionadas aos rios urbanos, mais especificamente sobre o Rio Alcântara, sendo este bastante poluído localizado no bairro Alcântara no município de São Gonçalo-RJ. Por isso, havia nessa primeira atividade três imagens que continham a paisagem local do bairro de Alcântara, sendo que o rio em questão estava presente nas duas imagens como o principal elemento em destaque.

A partir das respostas dos alunos, almejava-se compreender qual o grau de entendimento que os mesmos já tinham sobre o conteúdo em questão. Na atividade, se procurou abordar também as questões sociais e políticas que estão relacionadas a esse tema e identificar, por conseguinte, o nível de compreensão que os alunos tinham sobre o mesmo.

Esta favoreceu a problematização a respeito de como os rios presentes nas cidades se apresentam nos dias atuais, o mais importante dessa atividade é que permitiu que os estudantes debatessem essa questão, a partir daquilo que vivenciam na sua própria realidade. O que muitas das vezes, ocorre na escola, é que se acaba trazendo exemplos muito distantes da vida do estudante. Por que problematizar esse assunto trazendo para exemplificação um rio de outro estado, até mesmo de outro país, quando o nosso estudante, muitas das vezes, tem um rio poluído passando atrás da sua casa, ou até mesmo teve sua única moradia alagada tempos atrás por causa da enchente de um rio que ele enxergou a vida toda como apenas mais um valão presente no seu bairro?

Não está se afirmando aqui que o estudantes só deva lidar com as questões que envolvam sua realidade mais próxima, mas que ele pode fazer associações com as demais e repensá-la de forma mais complexa e crítica, uma vez que outros países ou outros estados podem apresentar ou não aspectos que podem servir como elementos comparativos no processo de análise de sua realidade. E quando se diz em proporcionar uma discussão sobre o local para dentro da escola, estamos dizendo também em trabalhar as multiescalaridades, pois o conteúdo sobre os rios urbanos precisa de uma leitura da sua paisagem para que os

estudantes tenham ciência do seu papel como cidadão para prover a saúde daquele corpo hídrico, e mais do que isso, saber a responsabilidade de cada órgão público tem em relação aos rios que serpenteiam pelo seu bairro/cidade/país como um todo. Não adianta debater somente com os estudantes as mazelas que giram em torno desses rios, se não ajudá-los a identificar o papel que cada um deva assumir na resolução desses problemas, pois só assim os nossos discentes serão cidadãos que sabem o que cobrar e de quem cobrar, sabendo fazer a leitura da paisagem em diferentes momentos.

Logo, entende-se que essa atividade pode ser considerada como um ponto de partida para se estudar todas essas proposições mais profundamente. Outro exemplo é analisar a questão do regime de vazão que os rios apresentam e de que maneira isso pode vir a ser modificado, no momento em que, há a canalização ou a retificação dos mesmos no espaço urbano. Analisar conjuntamente com os alunos as possíveis interferências desse processo na vida urbana como um todo. Esse e muitos outros aspectos podem ser analisados por meio das paisagens presentes no seu bairro, por exemplo, pois é mais fácil para os alunos enxergarem na prática as consequências desse processo, que podem ser tanto boas quanto ruins para a população.

Na segunda atividade apresentada a seguir, é referente às águas continentais, alguns conteúdos abordados são: os regimes dos rios, bacia hidrográfica; aproveitamento das águas subterrâneas e das águas superficiais; e por fim, a poluição das águas continentais.

A poluição das águas continentais, mais especificamente, da poluição dos rios, será o conteúdo abordado na primeira atividade pela importância de problematizar em sala de aula a situação degradante em que se encontra grande parte dos rios urbanos brasileiros. É necessário, que os alunos identifiquem quais atitudes tomadas pela população e pelos governantes levariam a uma recuperação integral desses rios.

Rios, que são invisíveis para a grande parcela da população urbana, ficando escondidos e subalternizados na paisagem das grandes cidades. Os rios urbanos para muitas pessoas e, até mesmo, para os governantes estão longe de serem considerados como algo relevante na paisagem urbana, por isso, suas características e dinâmicas naturais, quase sempre, não são preservadas.

No entendimento dessas pessoas, os rios são considerados como obstáculos que precisam a todo custo ser transpostos, a fim de que ocorra o crescimento e o desenvolvimento das cidades. Por causa dessas visões totalmente equivocadas, os rios urbanos acabam não

sendo visto como um elemento engrandecedor na construção da paisagem urbana. Mas sim, como grandes vilões por “provocarem” enchentes e prejuízos à população. Ressaltando que é somente nesses episódios lamentáveis que os rios acabam sendo inevitavelmente enxergados pelas pessoas.

É sabido que a paisagem urbana se construiu tendo os rios como um dos seus principais elementos. As primeiras cidades surgiram ao redor de grandes rios, os quais eram considerados fontes importantes para o abastecimento de água e alimentos para as pessoas, e claro, eram também uma valiosa fonte de lazer, pois as águas ainda eram apropriadas para o banho. Baptista e Cardoso (2013) sinalizam que, “além da óbvia necessidade da água para consumo, higiene e desenvolvimento das atividades agrícolas e artesanais, a presença dos rios junto às aglomerações urbanas favorecia as comunicações e o comércio”. Todavia, um processo extremamente rápido e desordenado de urbanização nas grandes cidades acabou mudando drasticamente a fisionomia da paisagem urbana e, por conseguinte, dos rios presentes nas cidades.

Nesse processo de intensa urbanização, a ação humana acabou trazendo grandes danos aos recursos hídricos, como: o assoreamento dos cursos d'água; ocupações desastrosas em mananciais que deviam ser protegidos e preservados, a fim de que se mantivessem a saúde dos nossos rios. Outro grave problema foi a instalação de indústrias poluidoras muito próximas aos rios, o que quase sempre resultou em despejo proibido de resíduos industriais, contribuindo para a morte dos rios. Além disso, ausência da atuação do poder público acabou transformando esses rios em locais de despejos de lixo e esgoto por parte da população. Esses fatos acabam explicando o porquê de muitas pessoas chamarem os rios urbanos de grandes “valões”.

Porém, na visão dos autores BAPTISTA & CARDOSO (2013), nos últimos anos têm ocorrido um expressivo aumento da preocupação com a situação degradante em que se encontram os rios urbanos. Esses autores sinalizam que a intensa midiaticização das questões ambientais vem modificando a consciência das populações urbanas, quanto aos principais problemas dos seus rios, conduzindo à crescente demanda pela valorização da paisagem urbana e, por conseguinte, pela melhoria da qualidade da água. Porém, esses movimentos de valorização dos rios urbanos deveriam apresentar uma força maior, diante das estiagens e da falta d'água, pelas quais muitas cidades brasileiras passam todos os anos. Esses rios poderiam ser verdadeiros reservatórios de água limpa e tratada disponível para a população.

ATIVIDADE: RIOS ELEMENTOS EXPRESSIVOS DA PAISAGEM URBANA

Série Pesquisada: 6º anos

Observe com atenção as imagens abaixo, e responda as perguntas a seguir:

Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



- 1) Você conhece a paisagem que está presente na **imagem (1) e (2)**? Se sim, ela se localiza perto da sua casa?
- 2) Observe as **imagens (1) e (2)** e identifique:
Os elementos naturais presentes na paisagem
Os elementos presentes na paisagem que foram construídos pelo homem
- 3) Quando você observa a paisagem da **imagem (1) e (2)**, quais são as sensações/ sentimentos que ela desperta em você? Justifique sua resposta.
- 4) Você acha que os elementos da natureza - como o rio presente nessa paisagem - convivem harmoniosamente com as pessoas que circulam por essa paisagem? Justifique sua resposta.

Em relação ao rio presente na imagem (1) e (2) acima:

- 5) Você sabe o nome dele?
- 6) Quando você observa o rio que está nessa paisagem, o que mais chama a sua atenção? Justifique sua resposta:
- 7) Na sua opinião, quais as ações que a população e os governantes deveriam realizar para modificar esse rio?
- 8) Quando você observa como está situação do rio presente na **imagem (1)** e na **imagem (2)** você acha que o rio tem alguma relação com a enchente presente na **imagem (3)**? Se sim, justifique:

Fonte das imagens: <http://grandealcantara.blogspot.com.br/2010/04/o-dia-em-que-alcantara-foi-alagado-pelo.html?m=1>

De modo geral, observamos que os discentes já conheciam a paisagem em questão, ou seja, ela está realmente presente em seus cotidianos. Entretanto, como se sabe o bairro

Alcântara não é pequeno, e por isso, alguns deles comentaram que não moram muito próximos as paisagens fotografadas, outros já disseram que residem muito perto do local que serviu de objeto de estudo da atividade. Notamos que os estudantes ficaram bastante entusiasmados para fazerem as atividades, quando começaram a reconhecer as paisagens presentes nas imagens.

A segunda pergunta pedia a identificação nas paisagens fotografadas os elementos naturais, como também, os elementos humanos que haviam sido construídos pelo homem. Em relação, aos elementos naturais, algumas respostas foram bastante surpreendentes no sentido negativo dessa palavra, o que acaba revelando a necessidade de discutir com os alunos de forma mais profunda alguns conceitos que são considerados por muitas pessoas como simples e corriqueiros, como por exemplo, o conceito de rio.

A terceira pergunta tinha ligação com o aspecto subjetivo da paisagem. Os alunos teriam que descrever quais eram as sensações e os sentimentos que tinham quando circulavam por essas paisagens. A grande parte dos alunos relatou como se sentiam em relação ao estado do rio especificamente.

Na quarta questão foi perguntado, se eles achavam que os elementos da natureza - como o rio presente nas paisagens - conviviam harmoniosamente com as pessoas que circulavam por ela. Foi pedido justificativa na resposta. A maior parte dos estudantes tivera dificuldades em responder essa questão e a deixara em branco. Outros responderem que sim, que acreditam que os elementos naturais como o rio convivem harmoniosamente, porém não justificaram suas respostas.

Na quinta pergunta, os estudantes tinham que responder se sabiam o nome do rio que estava nas duas imagens. Praticamente todos os alunos não souberam responder que o nome do rio em questão é o Alcântara. O que é bastante óbvio, na medida em que, muitos deles durante a realização dessa atividade se referiam a esse rio como sendo apenas mais um “valão” e outros, conforme já mencionado, disseram que o rio era uma lagoa e até mesmo um “mar imundo”.

A sexta pergunta solicitava que foi escrito sobre o que mais chamava atenção dos estudantes quando observavam o rio em questão. Muitos citaram como algo que chama bastante a atenção deles o grande número de vegetação que se encontra nas margens do rio.

A sétima pergunta pedia que fosse descrito o que poderia ser feito para melhorar o estado do rio. Por meio dessa pergunta, almejava-se identificar se os estudantes já tinham noção de quais atitudes práticas poderiam ser tomadas para recuperar a saúde do rio.

A última pergunta pedia aos alunos que fizessem uma correlação da imagem (1) e (2) com a imagem (3). Grande parte dos estudantes deixou essa questão em branco. Os poucos alunos que responderam citaram mais enfaticamente a questão do lixo presente no rio. Na visão deles, o lixo jogado parece ser o único “vilão” que propiciou mais diretamente o transbordamento, e posterior inundação de diversos pontos do bairro. Outras questões que envolvem o assoreamento do rio e as possíveis ações que os governantes teriam que realizar para evitar esse tipo de situação não esteve presente nas respostas dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade que fora desenvolvida com os estudantes conseguiu de certa maneira romper com certos estereótipos que rodam o conceito de paisagem, o qual paisagem serviu de eixo norteador. Ao trazer a paisagem local para dentro da sala de aula, os alunos conseguiram ter uma noção mais ampla desse conceito e outras associações puderam ser realizadas. A paisagem foi ressaltada como elemento de denuncia, onde por meio da observação direta de imagens com os discentes puderam realizar importantes análises sobre as realidades que os cercam e perceber que nem sempre paisagem é sinônimo de beleza, algo estático que não apresenta dinamismo. A utilização do conceito de paisagem auferiu aos conteúdos abordados uma carga de significado muito maior para os alunos. Conteúdos que, na grande parte dos casos, são trabalhados de forma bastante distante da vida prática desses alunos, o que contribui para que os mesmos não vejam nenhum significado naquilo que está sendo ensinando, provocando uma espécie de apatia em sala de aula. Assim, ao trabalhar, por exemplo, sobre a questão dos corpos hídricos com os recursos que são do dia a dia dos alunos acaba tornando o processo de aprendizagem uma prática interessante e instigante para os alunos. Pois o discente não está sendo convidado a pensar sobre uma realidade distante da sua vida, mas sim a pensar sobre a sua própria realidade, a partir de elementos que até tempos atrás poderiam ser até mesmo banais ou sem relevância para eles.

Esse fato pôde ser visto na prática, pois ao apresentar aos alunos paisagens do seu bairro e fazer associações com os conteúdos em questão, os mesmos se mostraram muito mais curiosos e instigados em aprender sobre aquela realidade, que embora esteja perto deles se

apresenta bastante desconhecida. Assim, os conteúdos abordados podem passar a ser discutidos e analisados por meio dos aspectos sociais, ambientais, econômicos e políticos que estão presentes na vida prática dos alunos.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Márcio; CARDOSO, Adriana. **Rios e Cidades: uma longa e sinuosa história.** *Revista UFMG*, Belo Horizonte, V. 20, N. 2, Jul./ Dez. 2013, p.124-153.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar a paisagem para aprender geografia. In: GARRIDO, M, (org.) **A opacidade da paisagem: formas, imagens e tempo de ensino.** Porto Alegre: Imprensa Livre. 2013, p.37-55.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. **A superação dos limites para uma educação geográfica significativa: um estudo sobre a e na cidade.** *Revista Geográfica de América Central*; Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 p. 2-25.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. Escola, A Formação Docente E O Ensino das Paisagens. In: GARRIDO, M, (org.) **A opacidade da paisagem: formas, imagens e tempo de ensino.** Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013, p.173-196.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais do I seminário nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais** Belo Horizonte, novembro de 2010, p.1-13.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de conhecimentos.** São Paulo: Papirus, 2013.

COUTO, Marcos Antônio Campos Método dialético na didática da geografia. In: CAVALCANTI, L. S.; BUENO, M. A.; SOUZA, V. C. (Org). **Produção do conhecimento e pesquisa no ensino da geografia.** Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011, p.27- 43.

PRESTES, Zoia. **A sociologia da infância e a teoria histórico – cultural: algumas considerações.** *R. Educ. Públ.* Cuiabá, v.22; n.49/1; maio/ago.2013, p.295-304.

NASCIMENTO. Daiana Freitas. **A produção do conhecimento geográfico por meio do conceito de paisagem: o Bairro Alcântara (SG) como referência espacial.** SG: DGEO-FFP, Monografia de conclusão de curso, 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. (Coleção Milton Santos; 2)

SANTOS, Milton. **A Metamorfose do Espaço Habitado.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.